

Artigo Original

O ELEMENTO “FOGO” NA ARTETERAPIA, EXPERIÊNCIA DE UMA SESSÃO EM OFICINA COM IDOSOS

“FIRE” ELEMENT IN ART THERAPY: A WORKSHOP EXPERIENCE WITH ELDERLY PEOPLE

Adriana Mara Leopold¹⁰

Resumo

O fogo é um dos quatro elementos que, assim como a água, a terra e o ar, está associado a inúmeros significados, seu simbolismo pode atuar na psique humana servindo de catalisador para as mais diversas atividades expressivas. Sendo assim, o intuito deste artigo é apresentar características acerca dos significados deste elemento, e como pode ser trabalhado arteterapeuticamente. Para tal, será focada uma das oficinas com duas idosas asiladas, onde foi utilizado o fogo para promover a atividade, avaliando seus efeitos e resultados. O que se observa é que o “fogo” acelera processos e provoca reações diversas que correspondem a todo o simbolismo nele contido.

Palavras-chave: arteterapia, fogo, idosos, psique

Abstract

Fire is one of the four elements which, just like water, earth and air, is associated with uncountable meanings. Its symbolism can act on the human psyche as a catalyst for several expressive activities. Therefore, the aim of this article is to present characteristics regarding this element's imagery and how it can be art therapeutically employed. It will

¹⁰ Psicóloga pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, pós-graduada em Arteterapia pela UNIP. Atua na área clínica com pessoas de todas as faixas etárias, também como supervisora de casos clínicos e coordenadora de grupo de estudos. Tem ministrado oficinas de Arteterapia em instituições voltadas à Terceira Idade, pacientes psiquiátricos e população em situação de rua. CRP 06/96436. AATESP 203/0611. Endereço: Rua Itapeva, 378 conjunto 52 – Bela Vista – São Paulo/SP – CEP 01332-901 – Telefones: (11) 2385-0824; (11) 96950-5258 – E-mail: adriana.leopold@yahoo.com.br. Link para Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4246387D1>.

focus on a workshop with two institutionalized elders, in which fire was used, assessing the effects and results of such activities. The notion that fire speeds up processes and triggers various reactions will be put forth, in accordance with the symbolism it contains.

Keywords: art-therapy, fire, elderly, psyche

Introdução

A Arteterapia é a terapia através de recursos artísticos, tendo como premissa a possibilidade de acessar conteúdos inconscientes por meio da produção de imagens, sons e movimentos (COUTINHO, 2008). É através de tais recursos que Philippini (1995) afirma ocorrer a materialização de símbolos, ou seja, durante o processo criativo na Arteterapia, o indivíduo entra em contato com seu inconsciente e o materializa no produto resultante desse processo artístico. Suas intenções e preocupações não são de ordem técnica e estética, mas sim relativas ao puro ato de criar, o que na visão de Souza (2005) constitui uma expressão da vida que se faz ouvindo a voz interior, momento em que o indivíduo descobre-se único.

Segundo Urrutigaray (2003), na visão da psicologia junguiana, a Arteterapia prevê uma reorganização da personalidade que acontece de forma criativa, possibilitando a abertura de novos caminhos e dando espaço ao desenvolvimento de experiências que se abrem à sensibilidade.

Quando iniciei a pós-graduação em Arteterapia procurei uma forma de realizar esse tipo de trabalho com idosos. Foi então que busquei o estágio em Arteterapia com esta população, como meio de desenvolver a criatividade e potenciais através de atividades expressivas. Este estágio foi realizado em um asilo, na cidade de Osasco, aos domingos pela manhã durante um período de aproximadamente três meses, de agosto a dezembro de 2009.

Velhice e asilamento

De acordo com Santiago (2008), a população com mais de 65 anos no Brasil vem crescendo constantemente. No entanto, o país não apresenta estrutura para suportar tal demanda, tornando o asilamento uma saída precária do que se deve fazer com esse idoso, aparentemente “improdutivo”. Assim, como afirmam Berthoud, Bromberg e Coelho (1998) *apud* Santiago (2008), o asilo caracteriza-se por ser ainda nos dias de hoje uma instituição fechada, como é o caso dos hospitais psiquiátricos e das instituições para menores de idade.

Os asilos, como instituições fechadas, tendem a privar o idoso e exigem destes um alto grau de adaptabilidade, ao terem que se relacionar de forma atípica com pessoas por eles não escolhidas (funcionários e outros asilados). Além disso, asilos possuem características muito impessoais, dificultando também a formação de vínculos positivos com o espaço onde estão inseridos, o que acaba não colaborando para o bem-estar emocional desses idosos.

Assim sendo, é de extrema relevância a existência de estudos e atendimentos específicos para idosos, uma vez que todos envelhecerão e deste processo decorre a transformação do indivíduo nos âmbitos biopsicossocial. Com a idade, o corpo se modifica, torna-se mais frágil e lento, aparecem doenças crônicas e degenerativas, alteração do apetite, do sono, etc. Na área social, por muitos a tão buscada aposentadoria acarreta numa perda social, e da autonomia financeira.

Trabalhar com grupos de idosos traz à tona essa discussão sobre a institucionalização, e de como permanece o pré-conceito de que essas pessoas raramente possuem a memória sólida e a capacidade de fantasiar, de pensar de forma mais abstrata (RIGO, 2007). É ao lidar diretamente com idosos que é possível derrubar estes e outros preconceitos, como o de não terem mais criatividade. Pelo contrário: são tão capazes de imaginar e se expressar através de recursos arteterapêuticos, podendo

sim, entrar em contato com os conteúdos inconscientes e lidar com eles (COUTINHO, 2009).

Nosso trabalho arteterapêutico com idosos

Este estágio, realizado por mim e por outra arteterapeuta, foi constituído por 10 oficinas. No início tínhamos seis participantes de idades entre 61 e 77 anos, que ao longo do trabalho foram se dissipando, ficando apenas duas senhoras, com dificuldades tanto motoras quanto cognitivas, apresentando diagnóstico de deficiência mental leve.

A colagem foi a nossa primeira atividade com o grupo. Os participantes tinham que recortar e colar imagens concernentes ao que mais gostavam ou que simplesmente lhes chamava mais a atenção. O propósito era a apresentação individual para o grupo e para as terapeutas. Deste modo, todos poderiam também se familiarizar com o material plástico e com a linguagem que pretendíamos desenvolver durante o processo, e estabelecendo assim o contrato. Em todas as oficinas levávamos histórias para sensibilização, e música.

No encontro seguinte, utilizamos a confecção de mandalas feitas de sementes, folhas, areia colorida, artigos de bijuteria. Ao final da atividade, cada integrante plantou uma semente de girassol. O intuito era o resgate da semente criativa existente em cada um.

Nas oficinas que se seguiram trabalhamos com pintura, como recurso de livre expressão para que pudessem entrar em contato com os próprios sentimentos. As participantes falaram da época da infância, da escola, da vida que levavam na juventude.

O quarto encontro foi marcado pela confecção do *olho de Deus* (fios de diversas cores entrelaçados em 2 palitos em forma de cruz), cujo objetivo era o fortalecimento do *vínculo*, entre eles e também com as terapeutas. Uma das participantes pronunciou “o olho mágico é o espelho da alma, nem sempre o que diz a boca condiz com os olhos

(SIC)". Houve certa resistência da parte de uma integrante, que começou a confeccionar o objeto e largou o trabalho, embora o resgatando e continuando a fazê-lo um pouco depois.

No encontro seguinte confeccionamos o *pau de chuva*, feito com cones de papelão, prego, fita crepe, tintas, giz de cera, pingentes, miçangas, sementes, areia e pedrinhas. Uma de nossas participantes comentou que o *pau de chuva* era instrumento indígena, falando-nos em seguida sobre o poder das plantas medicinais.

Descrevo muito rapidamente essas atividades, porque o processo até então, embora tendo seguimento, ainda não apresentava com clareza o efeito das oficinas sobre o grupo. A comunicação sempre foi muito difícil, pois apesar de conversarem conosco, era difícil entendê-las.

Nosso sexto encontro teve a confecção de mandalas pintadas com giz de cera derretido sobre um CD. Esta oficina foi sugerida por Patrícia Pinna, nossa supervisora em Arteterapia, para se utilizar o elemento fogo. É sobre esta experiência que vou me estender neste artigo, por ter constituído um marco significativo.

Quando falamos de Arteterapia, estamos falando de um processo, no qual muitas vezes o terapeuta pode encontrar dificuldades ao longo do percurso. Assim, é necessário repensar sua prática e trazer novos objetivos quando o trabalho parece não fluir. Novos questionamentos trazem novas reflexões, como bem afirma Jung (1985):

O psicoterapeuta pouco ou nada aprende com os sucessos, principalmente porque o fortalecem nos seus enganos. Os fracassos, ao invés, são experiências preciosíssimas, não só porque através deles se faz a abertura para uma verdade maior, mas também porque nos obrigam a repensar nossas concepções e métodos. (p. 36)

O que pretendo com isso é dizer que durante nosso estágio, questionamos e refletimos acerca do que estava acontecendo e sobre nossa própria prática. Particularmente, tendo em conta ser nosso primeiro contato com essa população.

Já estávamos, nessa altura, com duas participantes, T. e M. T. sempre demonstrou mais disposição para as atividades, apesar de falar pouco e apresentar muita dificuldade motora. M, que era evangélica e gostava de ler alguns salmos no final das atividades, sempre trazia conteúdos de vivências da sua juventude e vida adulta.

Por que trabalhar com fogo?

De acordo com Bernardo (2009), o fogo em arteterapia “agiliza, potencializa e acelera processos” (p. 109). Estávamos na metade de nossa trilha, precisávamos de algo que impulsionasse e provocasse algo de forma mais intensa e tocante no grupo, que realmente potencializasse tudo que estávamos vivendo naquele momento. A atividade veio como algo desafiador, estimulando reações, para que ficasse clara a visão de que o propósito não era apenas recreativo. Nosso propósito era maior, era trazer os aspectos inconscientes para serem trabalhados e simbolizados através da criatividade.

O fogo é um dos quatro elementos da natureza, suas qualidades já foram estudadas por várias áreas do conhecimento, está presente em todas as mitologias e faz parte da história da humanidade. É purificador, acelera e estimula o processo criativo: “o fogo divino que toca o criador”, como bem exemplificado neste soneto de Michelangelo citado por Edinger (1990):

Only through fire can the smith pull and stretch
Metal into the shape of his design.
Only through fire can the artist reach
Pure gold which only furnaces refine.

Nor can the phoenix rare itself remake
Unless it first be burnt. For my part, I
Hope to ascend triumphantly on high
Where death fulfills, where time itself must break.

The fire of which I speak has brought salvation,
I find in it new powers and restoration
Although I seemed already with the dead.

Since by fire nature reaches up to heaven
I may, through it, be reconciled, forgiven,

For it must surely bear me overhead. (p. 56)¹¹

O fogo, quando descontrolado, pode ser muito cruel e destruir tudo que encontra pela frente. No sentido religioso é uma substância sagrada, como a água (VON FRANZ, 1996). Usado como instrumento de punição eterna aos condenados no “juízo final”, expressa a ira de Deus.

Brandão (1986) comenta que no mito de Prometeu, Zeus enfurecido com as peripécias deste a favor dos mortais, privou a humanidade do fogo, o que simbolicamente está associado à privação da inteligência. Apresenta-se aqui, além da punição, a função do fogo de iluminar, trazer luz ao obscuro, não tão somente no sentido literal, mas também filosófico.

Bachelard (1989) interpreta que a chama de uma vela sobre a mesa de um filósofo tinha função muito maior que apenas iluminar, funcionando como um chamado ao mundo das ideias, uma evocação de imagens, sendo a chama, portanto o fogo, um ser sem massa, mas de força extrema.

Na mitologia hindu, Agni, cujo nome em sânscrito significa *fogo*, era a divindade mensageira dos deuses, e todos os sacrifícios eram dirigidos a ele. Trata-se de uma divindade que eternamente jovem, pois o fogo é reaceso todos os dias.

A deusa Héstia, na Mitologia Grega, representava o fogo sagrado que proporcionava iluminação, calor e aquecimento para os alimentos e para os lares. Héstia não possuía uma imagem humana como os demais deuses, pois estava presente no centro de todas as casas como chama viva, onde era cultuada, não tendo também um

¹¹ [Só pelo fogo pode o ferreiro esticar e dispor/ O metal de acordo com as linhas do seu desenho./ Só pelo fogo pode o artista obter/ O ouro puro que só o cadinho pode purificar. // Nem pode a rara Fênix renascer/ Se antes não for queimada. De minha parte,/ Espero ascender em triunfo às alturas/ Onde a morte termina e onde o próprio tempo tem de sucumbir.// O fogo de que falo trouxe a salvação,/ Nele encontrei novas forças e restauração/ Embora eu já pareça estar entre os mortos.//Como é pelo fogo que a natureza alcança o céu./ Através dele, posso me reconciliar, ser perdoado./Pois, sem dúvida, ele me levará para o alto.] (p.56) - Versão em português dos tradutores: Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves.

templo próprio. As festas não se iniciavam sem que fosse acesa a primeira chama em sua homenagem. Psicologicamente, o culto dedicado a Héstia, presente nos centros dos lares e das cidades, representava o centro, onde havia mediação entre alma e mundo externo (ROSARIO, 2010).

Ainda dentro da perspectiva psicológica da mitologia, junto com Héstia, temos Hermes, ou Mercúrio, na mitologia Romana, que representa o espírito alquímico, e o fogo elementar, associado à fonte do conhecimento intuitivo. Originalmente, protetor dos ladrões, atletas, viajantes e negociantes, também é condutor das almas entre o mundo dos mortos e dos vivos, e profundo conhecedor da magia. Na Roma Antiga, Hermes Trismegisto resultou de um sincretismo do Mercúrio Latino com o deus egípcio Tot. Assim, Hermes Trismegisto é resultado de uma fusão da filosofia, religião, alquimia, magia e astrologia (BRANDÃO, 1987).

Na tipologia junguiana, a intuição, tipo psicológico associado ao fogo, é uma das quatro funções e refere-se a uma percepção de mundo através do inconsciente, estando mais próximo deste. “Enxerga” mais aspectos gerais do que necessariamente seus detalhes, visando sempre possibilidades futuras (BERNARDO, 2008).

Na alquimia para se obter o “ouro”, a prima matéria passa por quatro fases e uma delas é a *calcinatio*, processo de purificação através do fogo. Edinger (2006), diz que o fogo da *calcinatio* é um fogo purgador, transformando a matéria negra em matéria branca. A *calcinato* pode ser vista como meio de fundir os quatro elementos, o que na psicologia equivale a uma forma de integrar aspectos da personalidade, conectando-se ao seu núcleo.

Por essas características renovadoras, potencializadoras e transformadoras do fogo é que surgiu a ideia para essa oficina, no sentido de trazer essa potencialidade como recurso arteterapêutico. Utilizamos outros materiais que também evocaram sentimentos e

sensações, no entanto, a mandala de giz de cera obteve um destaque no processo por termos conseguido reações tão distintas, praticamente opostas de nossas participantes.

M. não quis de forma alguma aproximar-se da vela, verbalizando novamente que aquele tipo de trabalho era *coisa de índio*. Vale ressaltar que M. nasceu no Pará e teve muito contato com indígenas e descendentes. Para ela o fogo é perigoso, representa uma ameaça porque pode destruir tudo. Além disso, comentou também que o giz de cera derretido ficava feio, mas para não ficar sem fazer a atividade utilizou o giz sem derretê-lo. Durante o processo, contou que trabalhou como cozinheira e faxineira. Quis ainda terminar o encontro deste dia com o Salmo 20.

T. teve reação oposta à de M. Mostrou grande empolgação, mais até do que já tinha demonstrado anteriormente nos outros encontros. Pegava o giz de cera e o passava na vela, começando pela cor azul. Fez a maior parte do trabalho com a mesma cor, mesmo sendo instruída de que poderia mudar. T. apresentava muita dificuldade motora e tremia muito, mas isso não a impediu de agilizar o procedimento de derreter o giz e pintá-lo no CD quando foi sugerido a ela que o fizesse, porque o giz estava secando antes que conseguisse usá-lo. Durante esse processo, repetia minhas frases, e falava algumas palavras soltas, sorrindo. Parecia não ter medo do fogo, e por vezes quase queimou o dedo na chama.

É fulcral destacar essas reações tão distintas que tivemos nesse pequeno grupo. Embora as atividades anteriores também tenham mobilizado, nesta, o contato com o fogo resultou em atitudes opostas nas participantes. T sempre se mostrava mais aberta às propostas, mas quase não falava. Foi a primeira vez que ela falou frases inteiras conosco. Além das reações, pode-se dizer que aconteceu clara transformação, principalmente de T. Todas as atividades tinham um objetivo. Esta cumpriu seu papel, ao potencializar as reações em relação a um único elemento.

É possível agora vislumbrar a visão de todo o processo, que embora tenha começado muito timidamente, nos fez repensar a nossa prática e proporcionou o desbravamento de uma nova etapa para nossos encontros. O grupo se consolidou e o vínculo pôde ser finalmente estabelecido.

Considerações finais

Esta foi uma oficina específica e que fazia parte de um processo. Portanto, quando escolhemos um recurso para aplicar arteterapeuticamente, nossos objetivos devem estar claros, uma vez que toda a simbologia do que se está trabalhando estará de alguma forma presente. Feita esta deliberação, o recurso deve ir ao encontro do que se pretende trabalhar com a pessoa ou grupo em questão.

A atuação neste caso obedeceu à mesma lógica. O fogo, presente na história e na mitologia de todas as culturas, é um elemento de propulsão da criatividade. Com este artigo, procurei explicitar a sua simbologia e simultaneamente exemplificar como este pode ser fundamental como recurso arteterapêutico, ao auxiliar no desenvolvimento dos processos do indivíduo de forma a acelerá-los, trazendo acolhimento, iluminando e estimulando ideias. Importa de igual modo considerar também a utilização de outros recursos de apoio, como a mandala e o giz de cera, de contributo decisivo para o processo arteterapêutico.

Vale ressaltar que tais reações tão distintas encontradas indiciam uma possibilidade de maior exploração no que diz respeito à individualidade de cada participante. Alguns obstáculos foram encontrados para que tal pudesse ocorrer, principalmente devido ao fato de as oficinas terem acontecido aos domingos, dia que os responsáveis pela instituição não estavam presentes. Ainda assim, ao longo deste processo com o grupo em questão, foi possível perceber transformações individuais efetivas, tais como atitudes pró-ativas mais acentuadas, maior capacidade de

verbalização e uma disposição comunicativa mais entusiasta, propensa ao diálogo com as estagiárias. Todos estes elementos são concretizações que indiciam o elevado potencial da abordagem arteterapêutica.

Data de recebimento: 31 de Agosto de 2012.
Data da primeira revisão: 29 de Novembro de 2012.
Data de aceite: 29 de Novembro de 2012.

Referências

- BACHELARD, G. **A Chama de uma Vela**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.
- BERNARDO, P. P. **A Prática da Arteterapia – correlações entre temas e recursos. Vol I: Temas centrais em Arteterapia**. São Paulo: edição do autor, 2008.
- BERNARDO, P. P. **A Prática da Arteterapia – correlações entre temas e recursos. Vol II: Mitologia Indígena e Arteterapia – A arte de trilhar a Roda da Vida**. São Paulo: edição do autor, 2009.
- BRANDÃO, J. **Mitologia Grega – vol I**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BRANDÃO, J. **Mitologia Grega – vol II**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- COUTINHO, V. **Arteterapia com idosos: ensaios e relatos**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.
- EDINGER, E. F. **Anatomia da Psique**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- FRANZ, M.-L. **Alquimia**. São Paulo: Cultrix, 1985.
- JUNG, C. G. A Prática da Psicoterapia. **Obras completas, v. XVI/I**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PHILIPPINI, A. Universo Junguiano e Arteterapia. **Imagens da Transformação, v. II**. Pomar, 1995.
- ROSARIO, O. B. **Héstia. Excerto de textos de alguns autores**. Disponível em <http://www.symbolon.com.br/artigos/hestia.htm> Acesso em: 25/01/2011.
- SANTIAGO, B. Olhares do idoso: um estudo sobre narrativas de asilados. **IV Jornada Científica**, 2008. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008.
- SOUZA, O. R. **Longevidade com Criatividade – Arteterapia com idosos**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2005.
- URRUTIGARAY, M. C. **Arteterapia – Transformação Pessoal Pelas Imagens**. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2003.